



ETNOGRAFIA E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DOS TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO CBE0 - CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS.

Thiago Gonçalves Magalhães (UFSC) - magalhaesgthiago@gmail.com

Geneia Lucas dos Santos (UNIARP) - geneialucas@gmail.com

Resumo:

O objetivo desse estudo consiste em investigar se e como a etnografia está sendo utilizada nos trabalhos apresentados nas três edições do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBE0). Assim, buscando compreender as possibilidades e as especificidades da aplicação da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais foram analisados 19 artigos publicados nos anais dos I, II e III CBE0. Pode-se perceber que as possibilidades de aplicação da metodologia etnográfica nos estudos organizacionais são diversas, como empresas, e outras formas de organização, com foco nas organizações substantivas. Fica também evidente apesar das diversidades de objetos de estudos, a preocupação dos autores no processo de condução da pesquisa etnográfica, como a preparação, a realização do trabalho de campo e a elaboração do texto final. Por fim, destaca-se que são diversas as possibilidades de aplicação da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais, com destaque as redes organizacionais, organizações substantivas, desenvolvimento territorial e no próprio estudo da formação das organizações, no entanto, destaca-se a necessidade de discussões futuras acerca das especificidades metodológicas quanto a aplicação da abordagem etnográfica nos estudos das organizações.

Palavras-chave: *Etnografia; Estudos Organizacionais; Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais.*

Área temática: *GT-15 Teorias da Prática e Diferentes Formas de Organizar: Aspectos Teóricos, Metodológicos e Empíricos*

**ETNOGRAFIA E ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA
DOS TRABALHOS PUBLICADOS NOS ANAIS DO CBEO – CONGRESSO
BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS.**

RESUMO

O objetivo desse estudo consiste em investigar se e como a etnografia está sendo utilizada nos trabalhos apresentados nas três edições do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO). Assim, buscando compreender as possibilidades e as especificidades da aplicação da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais foram analisados 19 artigos publicados nos anais dos I, II e III CBEO. Pode-se perceber que as possibilidades de aplicação da metodologia etnográfica nos estudos organizacionais são diversas, como empresas, e outras formas de organização, com foco nas organizações substantivas. Fica também evidente apesar das diversidades de objetos de estudos, a preocupação dos autores no processo de condução da pesquisa etnográfica, como a preparação, a realização do trabalho de campo e a elaboração do texto final. Por fim, destaca-se que são diversas as possibilidades de aplicação da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais, com destaque as redes organizacionais, organizações substantivas, desenvolvimento territorial e no próprio estudo da formação das organizações, no entanto, destaca-se a necessidade de discussões futuras acerca das especificidades metodológicas quanto a aplicação da abordagem etnográfica nos estudos das organizações.

Palavras-chave: Etnografia; Estudos Organizacionais; Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a área de Estudos Organizacionais vem recebendo uma série de críticas questionando a cientificidade das pesquisas desenvolvidas, sobretudo quando envolvem métodos qualitativos de pesquisa. Porém mesmo diante das críticas é perceptível a disseminação da utilização das metodologias qualitativas, e nesse sentido Godoi *et al* (2006, p.7), argumentam que para compreender grande parte dos fenômenos organizacionais é preciso superar os conhecimentos objetivos e compreensivos, necessitando dar conta do horizonte das formas simbólicas nas quais se desenvolvem as ações sociais, formas essas que “assumem uma aparência codificada – linguagens -, mas cujo estudo nos interessa não por sua gramática ou estrutura interna, mas por seu caráter comunicativo de mediador e formador das experiências e das necessidades sociais.”

Os autores ainda salientam que,

A epistemologia nos estudos organizacionais prosperou em período de crise, como previu Piaget (1980), e o campo da pesquisa qualitativa está, hoje, repleto de entusiasmo, criatividade, agitação intelectual e ação, como concordam Gergen e Gergen (2000). Os cientista dedicam-se à epistemologias dos métodos, às relações com os participantes e à criação de novos métodos de crescimento dos métodos qualitativos em importantes campos substantivos. Nessa proposta de reconhecimento e superação do formalismo na pesquisa, a questão residual, e mais importante, versa agora sobre que tipo de seres humanos desejamos nos tornar. (GODOI *et al*, 2006, p.8)

Esse entusiasmo crescente possibilitou aos estudos organizacionais aderir a utilização de diversas abordagens qualitativas, no entanto, o foco deste estudo é a abordagem etnográfica. A tradição etnográfica de investigação social foi desenvolvida nas ciências humanas principalmente nas disciplinas sociologia e antropologia (Button, 2000). Recentemente, a etnografia é adotada, além dos campos da antropologia e sociologia, e estudos culturais, teoria literária, folclore, estudos da mulher, geografia cultural e psicologia, social, entre outros; assim como em áreas aplicadas como educação, estudos organizacionais, planejamento, psicologia clínica, enfermagem, psiquiatria, direito, criminologia, administração e engenharia industrial, entre outras (TEDLOCK, 2000).

Assim, primeiramente é necessário evidenciar o que Andion e Serva (2006) destacam ao salientar que para se cultivar estudos etnográficos em organizações, com a profundidade e a qualidade desejadas para o avanço da teoria organizacional, é preciso superar a visão da etnografia apenas como um método de orientação para o trabalho de campo: é essencial compartilhar a perspectiva da etnografia como uma estratégia global de pesquisa, o que requer concebê-la também como uma postura epistemológica do pesquisador.

Logo buscando compreender de que forma a abordagem etnográfica pode contribuir para o desenvolvimento da teoria organizacional este estudo possui como objetivo investigar se e como a etnografia está sendo utilizada nos trabalhos apresentados nas três edições do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO).

Na sequência apresenta-se uma revisão teórica acerca das temáticas da etnografia e dos estudos organizacionais, bem como a relação entre elas, após apresenta-se a metodologia de levantamento dos artigos e, por fim, os resultados da análise realizada e a apresentação de perspectivas para a utilização da etnografia nos estudos organizacionais.

2 ETNOGRAFIA E OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Desde os anos 80 vem ocorrendo uma entrada vigorosa da Antropologia em diferentes campos do saber. A abordagem antropológica, a postura antropológica e o olhar antropológico têm sido reivindicados por diversas áreas, entre elas os estudos organizacionais (Jaime Jr. e Serva, 1995). No que se refere a etnografia em si, Andion e Serva destacam,

Nascida formalmente na antropologia, com as experiências pioneiras de Malinowski no arquipélago de Trobriand, na Nova Guiné, entre 1914 e 1918, a etnografia se modificou desde então e, atualmente, pode-se se identificar várias correntes que compõem o campo dos estudos etnográficos. Sem desconsiderar as nuances e diferenças entre as correntes da etnografia, podemos afirmar que a “tecelagem etnográfica” (Coulon, 1990, p.214) se enquadra numa proposta epistemológica complexa, permitindo religar dimensões que até então eram tidas como separadas no processo de pesquisa. Por esse motivo, a etnografia é caracterizada por alguns autores, tais como Boumard (2003), Woods (1989), Ardoino (1983), como mais de um método, uma proposta do pesquisador perante o objeto e o contexto de pesquisa (ANDION & SERVA, 2006, p.153).

No que se refere aos estudos organizacionais, o recurso à etnografia pode levar ao aprofundamento do conhecimento acerca da realidade organizacional, na medida em que complementa as pesquisas levadas a cabo através de outras posturas metodológicas. Entretanto, há o risco de uma certa banalização da etnografia, quando esta é tomada como uma simples técnica de pesquisa, descolada do contexto disciplinar no qual surgiu e onde vem sendo exaustivamente debatida (JAIME JUNIOR, 2003).

Diante da sua importância para o desenvolvimento da pesquisa organizacional, torna-se necessário destacar as definições e as particularidades de etnografia. Logo, primeiramente destaca-se que a etnografia vai além da técnica, que sua construção é desenvolvida *in loco*, a partir do encontro e da relação entre o pesquisador e o pesquisado, podendo assim, estabelecer relações para uma melhor compreensão da complexidade dos fenômenos sociais. Godoy destaca uma visão ampla da etnografia, importante de ser evidenciada,

A pesquisa etnográfica abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo. Um etnógrafo pode centrar seu trabalho sobre uma tribo indígena com pouco contato com a civilização, uma comunidade de alemães no estado de Santa Catarina, ou determinada ocupação dentro de uma fábrica. (GODOY, 1995, p.28)

Nesse sentido, a proposta da etnografia, dimensões que, segundo a ciência clássica, são vistas como estanques e separadas podem enfim ser compreendidas na dialética da sua diferença e complementariedade. Assim Andion e Serva (2006, p. 154) destacam algumas particularidades da postura etnográfica na construção do conhecimento científico, a saber: “a dialética sujeito/objeto, a dialética indivíduo/sociedade ou particular/geral, e a dialética subjetividade/objetividade”.

Buscando desenvolver uma compreensão dessas particularidades, discorre-se que, na etnografia a reflexividade é realizada pela ida e volta constantes aos universos do eu (pesquisador) e do outro (pesquisado). A postura etnográfica parte do individual (caso particular) mas busca o geral, ou seja, visa efetuar uma leitura eminentemente social dos fenômenos, bem como permite retratar as dimensões objetivas e subjetivas de tais fenômenos.

Na análise organizacional Andion e Serva (2006) destacam algumas particularidades quanto a assunção da postura etnográfica, logo destacam que,

“Assim sendo, a concepção do campo temático de estudo, a realização do trabalho de campo e a elaboração do texto são aqui considerados como *momentos* singulares, entretanto, o etnógrafo lida também com o dia-a-dia, o vivido, as regularidades, que remetem ao universal, ao coletivo, à totalidade social. Cada uma dessas vivências possibilita a construção da ‘tecelagem etnográfica’, na qual tanto os *a priori* do pesquisador, quanto os pontos de vista dos sujeitos pesquisados são constantemente questionados.” (ANDION & SERVA, 2006, p. 156)

Desta forma, fica evidente que os três momentos da tecelagem etnográfica descrito pelos autores, requer atenção quando aplicados à análise organizacional, devendo assim, considerar as particularidades desta disciplina, pois a aplicação da etnografia nos estudos das organizações, abre um vasto repertório de oportunidades, podendo ser descobertas que possibilitem o avanço da teoria das organizações como um todo, como no desenvolvimento do conhecimento em vários temas específicos que englobam os estudos organizacionais.

Como temas principais destacados por Andion e Serva (2006), quanto a possibilidade de aplicação da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais, destaca-se os temas: redes organizacionais, inscrição social do mercado e de empresas, trajetória de grupos econômicos, racionalidade nas organizações e processos de desenvolvimento territorial. Porém os autores destacam que esta relação não é, em absoluto, exaustiva, que possuem com intensão ao oferecê-

la demonstrar o potencial da etnografia e, sobretudo, incentivar os pesquisadores no campo dos estudar organizacionais a adotar uma postura etnográfica em seus estudos.

Buscando complementar a possibilidades da aplicação da abordagem antropológica em estudos organizacionais, destaca-se a visão de Santos (2002) argumenta que há uma tradição da análise sócio antropológica, desenvolvida em organizações e comunidades urbanas, que se encontra disponível para apropriação. Trata-se de uma abordagem que ao contrário de tomar o estranho e aplicar a ele o familiar, toma o familiar como se fosse estranho.

As ideias e métodos da antropologia social podem levar a descobertas (insights) em três áreas de interesse da Administração, segundo Linstead (1997): (a) entendimento dos processos culturais no trabalho dentro das organizações (como, por exemplo, desenvolvendo teoria a partir dos dados etnográficos, criticamente estendendo o conceito de simbólico e examinando modelos de representação); (b) uma abordagem crítica às práticas gerenciais (como, por exemplo, usando a etnografia como uma prática desconstrutiva, assim como reconstrutiva; examinando possibilidades para novas formas de organização baseadas numa maior variedade de entradas (inputs) ao processo gerencial; e vinculando considerações cognitivas, epistemológicas, afetivas, ideológicas e éticas numa mesma estrutura); e (c) a natureza da mudança organizacional e sua gestão (como, por exemplo, usando ideias antropológicas para moldar a refletir processos de mudanças; e desenvolvimento de uma pedagogia que busque desenvolver o gestor como antropólogo).

3 LEVANTAMENTO DOS ARTIGOS

Considerando que o objetivo deste estudo consiste em investigar se e como a etnografia está sendo utilizada nos trabalhos apresentados nas três edições do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO), os procedimentos adotados para sua realização foram o levantamento de artigos que utilizavam a etnografia como estratégia de pesquisa ou tema principal nos artigos publicados nos anais do Congresso Brasileiro dos Estados Organizacionais de 2013, 2014 e 2015.

A escolha deste evento se deve à sua importância e representatividade no cenário acadêmico nacional, bem como por acreditar no potencial do mesmo para o desenvolvimento do campo dos estudos organizacionais. As palavras utilizadas na busca foram etnografia, etnográfico e etnográfica. O período de análise foi de 2013 a 2015, ou seja, as três edições do evento já realizadas, escolha que decorre da intenção de analisar a produção brasileira recente no que tange à etnografia e os estudos organizacionais. Na primeira etapa da pesquisa, a busca nos anais do congresso –CBEO por meio de palavras-chave, foram encontrados 19 artigos, que são apresentados no quadro a seguir.

Quadro 1: Artigos Selecionados

Nº	TÍTULO	AUTORES	EVENTO / IDENTIFICAÇÃO	INSTITUIÇÃO
1	Humanos e não-humanos entrelaçados: um estudo na empresa Júnior ADM soluções	João Paulo da Silva Costa; Mariana Maia Bezerra; Ana Sílvia Rocha Ipiranga	I CBEO GT2 -15 (2013)	Universidade Estadual do Ceará
2	Paixão pela arte ou arte pela paixão? etnografando práticas e emoções no processo organizativo de um circo no Canadá	Josiane Silva de Oliveira; Neusa Rolita Cavedon	I CBEO GT2 -16 (2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
3	A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado	Marcelo de Souza Bispo	I CBEO GT2 -6 (2013)	Universidade Federal da Paraíba
4	Para além das assembleias: a autogestão construída no cotidiano de uma cooperativa	Patrícia Kinast De Camillis	I CBEO GT3 (2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
5	Compreendendo as bases de uma organização coletiva autogestionada: exemplo do projeto voto como vamos	Carolina Dalla Chiesa; Sílvia Regina Kihara	I CBEO GT3 (2013)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
6	“O cliente não tem sempre razão”: a relação precária entre consumidores e comerciantes	Cléria Donizete da Silva Lourenço	I CBEO GT6 -9 (2013)	Universidade Federal de Lavras
8	Identidade, sentido e participação na atividade	Marcia Valéria Paixão; Eloy Eros da Silva Nogueira	II CBEO GT1-1129 (2014)	Instituto Federal do Paraná; Universidade Positivo
9	Contribuições metodológicas da cartografia etnográfica aos Estudos Baseados em Práticas nos Estudos Organizacionais	Josiane Silva de Oliveira	II CBEO GT2 -1224 (2014)	Universidade Estadual de Maringá
10	As práticas de mobilidade socioespacial dos processos organizativos: etnografando o circo contemporâneo no contexto Brasil-Canadá	Josiane Silva de Oliveira; Neusa Rolita Cavedon	II CBEO GT5-1225 (2014)	Universidade Estadual de Maringá; Universidade Federal do Rio Grande do Sul
11	Praia, Sol e Mar: Um Mergulho na Compreensão da Orla Marítima de João Pessoa/PB como Organização	Erica Dayane Chaves Cavalcante; Marcelo de Souza Bispo; Lúcia Cunha Soares	II CBEO GT5 -1518 (2014)	Universidade Federal da Paraíba
12	“Folga virou lenda”: um estudo sobre tempo de trabalho e tempo livre no setor de alojamento à luz da etnografia	Iraneide Pereira da Silva; Diego Costa Mendes; Myrna Suely Silva Lorêto	II CBEO GT9 -1915 (2014)	Universidade Federal de Pernambuco
13	A reflexividade no fazer etnográfico	Lucas Poubel; Jeferson Margon; Ana Carolina Júlio	III CBEO GT2 -5 (2015)	Universidade Federal do Espírito Santo
14	Práticas organizativas e memórias: um estudo sobre a prática do bordado na cidade de Goiás-GO	Thayane Ramos Gomes; Josiane Silva de Oliveira	III CBEO GT12-05 (2015)	Universidade Federal de Goiás
15	Entrevista com o sócio como possibilidade de apreensão da interconexão entre as práticas: um estudo sobre aprendizagem em grupo (working paper).	Ricardo Pimentel; Eloy Eros Nogueira da Silva	III CBEO GT12-10 (2015)	Universidade Positivo; UNINTER - Centro Universitário Internacional
16	Etnografia em espaços de conflitos: resistência e contra-resistência-organizada em uma empresa global	Marco Antonio Gonsales de Oliveira; Arnaldo Jose Franca Mazzei Nogueira	III CBEO GT13-01 (2015)	PUC-SP; FEA-USP
17	O significado do espaço organizacional e da sociabilidade em uma academia de ginástica da grande vitória	Claudia Xavier Cavalcanti	III CBEO GT2 -1 (2015)	Universidade Federal do Espírito Santo
18	Simbolismos e sociabilidades na terceira idade: práticas e significações construídas em uma padaria	Christianne Lobato Ramalho da Silva; Alfredo Rodrigues Leite da Silva; Letícia Dias Fantinel	III CBEO GT02-10 (2015)	Universidade Federal do Espírito Santo
19	O cotidiano no trike: uma percepção certaniana sobre os micro movimentos nas ladeiras	Patrícia Bernardo	III CBEO GT8 -15 (2015)	Universidade Estadual de Maringá

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

Assim, relacionados os artigos no quadro anterior, buscar-se-á na sequência apresentar algumas considerações em relação à autoria, origem, espaço temporal, na qual os artigos foram desenvolvidos. Após será realizada uma análise qualitativa mais aprofundada dos artigos objetivando destacar de que forma os artigos buscaram tratar a abordagem etnográfica nos estudos organizacionais, bem como os temas estudados e a possibilidade de novas perspectivas na relação entre as duas temáticas: a etnografia e os estudos organizacionais.

4 RESULTADOS

Primeiramente destaca-se a publicação pela instituição de ensino de origem, logo é possível ser visualizada no quadro a seguir.

Quadro 2: Publicação por Instituição de Ensino

Nº	UNIVERSIDADE	SIGLA	ESTADO	TOTAL DE ARTIGOS
1	Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	ES	4
2	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	RS	4
3	Universidade Estadual de Maringá	UEM	PR	3
4	Universidade Federal da Paraíba	UFP	PA	2
5	Universidade Positivo	UP	PR	2
6	Universidade Estadual do Ceará	UEC	CE	1
7	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	PUC	SP	1
8	Universidade Federal de Goiás	UFG	GO	1
9	Universidade Federal de Lavras	UFLA	MG	1
10	Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	MG	1
11	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	PE	1
12	Centro Universitário Internacional	UNINTER	-	1
13	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo	FEA-USP	SP	1
14	Instituto Federal do Paraná	IFPR	PR	1

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

Como é possível visualizar no quadro anterior, a maior concentração de artigos que envolvem as temáticas da etnografia e dos estudos organizacionais publicados nos anais do CBEO são das Universidades Federal do Espírito Santo e da Federal do Rio Grande do Sul,

com 4 trabalhos ambas. Na sequência 3 artigos da Universidade Federal de Maringá, e 2 artigos das Universidades Federal da Paraíba e Positivo também ambas.

Quanto à autoria dos artigos publicados nos anais do CEBO, apresenta-se a seguir um quadro no qual demonstra-se essa relação.

Quadro 3: Publicação por autores

NOME DO AUTOR	NÚMERO DE ARTIGOS	INSTITUIÇÃO DE ENSINO
Josiane Silva de Oliveira	4	UFRGS
Eloy Eros da Silva Nogueira	2	POSITIVO
Marcelo de Souza Bispo	2	UFP
Neusa Rolita Cavedon	2	UFRGS
Carolina Dalla Chiesa; Christianne Lobato Ramalho da Silva ; Claudia Xavier Cavalcanti; Cléria Donizete da Silva Lourenço; Diego Costa Mendes; Alfredo Rodrigues Leite da Silva; Erica Dayane Chaves Cavalcante ; Jeferson Margon, João Paulo da Silva Costa, Ana Carolina Júlio; Letícia Dias Fantinel; Lúcia Cunha Soares; Lucas Poubel; Ana Sílvia Rocha Ipiranga; Marcia Valéria Paixão; Marco Antonio Gonsales de Oliveira; Mariana Maia Bezerra; Myrna Suely Silva Lorêto; Arnaldo Jose Franca Mazzei Nogueira; Patrícia Bernardo; Patrícia Kinast De Camillis; Pedro de Almeida Costa; Ricardo Pimentel; Sílvia Regina Kihara; Thayane Ramos Gomes.	1	---

Fonte: Elaborado pelos autores, 2016.

No que tange a autoria de artigos, como é demonstrado no quadro anterior, uma autora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul publicou 4 artigos sobre as temáticas de interesse, enquanto outros três autores publicam 2 artigos cada, respectivamente das Universidades Positivo, Federal da Paraíba e da Federal do Rio Grande do Sul. Os demais autores citados publicaram 1 artigo cada.

Vale destacar que as autoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Josiane Silva de Oliveira e Neusa Rolita Cavedon são autoras de artigos em comum. A primeira autora é Doutora em Administração pela UFRGS, e sua atuação tem se concentrado no campo dos estudos organizacionais, a partir de uma perspectiva antropológica, com ênfase nos debates sobre práticas organizativas, artes, cultura e Direitos. Em termos metodológicos, meu interesse de pesquisa está voltado para as discussões sobre Etnografia. Já Neusa Rolita Cavedon também é doutora em administração pela UFRGS e m experiência na área de Administração, com ênfase em Cultura Organizacional, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura organizacional, representações sociais, etnografia, empresas familiares e culturas organizacionais.

O autor Eloy Eros da Silva Nogueira é professor do Programa de Doutorado e Mestrado da Universidade Positivo. Dedicar-se ao ensino e pesquisa nas áreas de Estratégias e Estudos

Organizacionais. Nesse âmbito, as investigações mais recentes se concentram na contribuição proporcionada pelos estudos sobre cultura, simbolismo, práticas a interrelação de estrutura com capacidade de agência. Marcelo de Souza Bispo é professor da Universidade Federal da Paraíba no departamento de Administração e do Programa de Pós-graduação em Administração entre os temas de interesse em pesquisa: Estudos Baseados em Prática, Etnometodologia, Métodos Qualitativos, Aprendizagem Organizacional, Educação em Administração e Estudos Turísticos.

O interesse em trabalhar a relação dos autores e publicações deu-se principalmente para buscar as áreas de interesses dos autores e buscar entender sob que perspectivas e objetos de estudos a pesquisa etnográfica está sendo utilizada nos estudos organizacionais.

4.1 ANÁLISE CRÍTICA E REFLEXIVA DOS ARTIGOS

Uma importante consideração a ser destacada inicialmente é que conforme destaca Bispo e Santos (2013) na área de administração, no âmbito brasileiro, a palavra organização assumiu no contexto empresarial e, por muitas vezes, no meio acadêmico um significado sinônimo ao de empresa. Tal situação faz com que muitas pessoas, acadêmicos ou não, utilizem a palavra organização com este significado de empresa sugerindo que tal posição é definitiva. Todavia, esta questão desperta algum incômodo em um grupo de pesquisadores que se debruçam intensamente aos estudos das organizações de maneira mais ampla e complexa.

Esta discussão ontológica com importantes desdobramentos epistemológicos e metodológicos abre espaço para considerar não só as práticas de sujeitos inseridos em organizações (empresas), mas também de atores sociais que fazem parte da vida social organizada, o que abre possibilidades para refletir acerca das práticas cotidianas desses atores que não necessariamente devem ser compreendidos do “lugar” determinado pela teoria organizacional hegemônica da administração, em especial a estadunidense.

Pensar organizações enquanto campos simbólicos nos quais as pessoas convivem em constante interação, mediada pela linguagem e que promove a construção de significado e sentido para suas atividades cotidianas, contribui para ampliar a discussão e compreensão do conceito de organizar assim como de organizações (HATCH; YANOW, 2003; CZARNIAWSKA, 2008; BISPO; GODOY, 2012).

Assim, diante dessa perspectiva, fica evidente que dos 19 artigos estudados apenas três (01;06 e 18) trabalharam com a abordagem etnográfica em empresas. O primeiro desses três artigos buscou compreender a organização em rede dos atores humanos e não-humanos em uma empresa júnior, através da entrevista, observação, análise documental e diários de campo por

um mês. O segundo estudo possuiu como objetivo compreender o sentido atribuído pelos comerciários ao seu trabalho tendo em vista a relação com os consumidores, para tal foram analisadas cinco pequenas empresas por um ano, utilizando-se de entrevistas, observações, e anotações no diário de campo. O terceiro artigo tinha como propósito analisar a construção das significações presentes na Padaria e Confeitaria Gourmet Mia Madre relacionadas com os idosos que frequentam o local e suas práticas de sociabilidades cotidianas, o estudo também contou com entrevistas, observações e conversação.

Nesses três estudos percebe-se que a intenção foi buscar entender as relações entre as pessoas, os significados e os sentidos dados pelos atores aos fatos e relações presentes no contexto de análise, logo percebe-se uma estreita relação com o que Godoy (1995) salienta ao dizer que a pesquisa etnográfica abrange não somente a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo, deve-se ter especial atenção para as estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos, seus sentimentos e sentidos dados aos fenômenos enquanto membros do grupo, bem como a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo.

Ainda em relação ao primeiro artigo (01) e também ao artigo (04), ambos trabalharam a questão de redes organizacionais, assim o primeiro deles buscou descrever a organização em rede dos atores humanos e não-humanos da Empresa Júnior, quanto o segundo tinha como propósito analisar uma cooperativa de comunicação e cultura com base no método da Teoria Ator-rede (de cunho etnográfico) que busca olhar as associações heterogêneas. Andion e Serva (2006) argumentam que nos estudos organizacionais, as redes vêm sendo alvo de muitos estudos, levando-se em conta que em vários casos atribui-se às redes organizacionais um sentido de inovação, seja na esfera da sociedade civil, do mercado ou do Estado.

Ainda de acordo com Andion e Serva (2006),

“Aspectos como a coesão, as interações, as comunicações, os valores, a historicidade, a correspondência com a cultura e o território – todos aspectos substancialmente relacionais – são apontados por diversos estudiosos como elementos incontornáveis para a tentativa de compreensão das redes organizacionais, sejam elas oriundas da sociedade civil, do setor privado ou da esfera pública, esta compreendida não só como pertencente apenas ao Estado, mas também entendida às outras esferas que concerne à problemática das políticas públicas. A pesquisa com base etnográfica revela-se promissora para o aprofundamento da análise dos aspectos mencionados”. (ANDION & SERVA, 2006, p.169)

Nesse sentido uma abordagem etnográfica pode contribuir para entender as complexidades e densidade das redes, principalmente na percepção dos valores e sentidos, bem como na relação destes com a cultura local. Outra possibilidade é diante da postura de interação entre pesquisador e pesquisados, é a compreensão e interpretação das relações entre os atores sociais das redes organizacionais. Fica assim, evidente nos dois estudos mencionados

anteriormente, que justamente o propósito era entender as relações entre os atores sociais, no primeiro caso especificamente a relação entre os atores humanos e não humanos, já no segundo caso diante da heterogeneidade da organização estudada, a abordagem etnográfica mostrou-se importante para entender tais relações.

Ainda na discussão inicial sobre a superação do entendimento quanto às organizações, buscando entendê-las não só como as práticas de sujeitos inseridos em organizações (empresas), mas também de atores sociais que fazem parte da vida social organizada, ampliando assim o campo dos estudos organizacionais, fica evidente na análise dos artigos que, a grande maioria tinha como objeto de estudos outros tipos de organizações que não somente as empresas, como: circos, assentamentos, projetos sociais, movimentos de resistências, grupos sociais de ciclistas, academia de ginástica, prática de bordados, e até mesmo um espaço público como a Orla Marítima de João Pessoa.

Como não é possível deixar de notar, na grande maioria dos estudos apresentados as organizações de estudo são organizações substantivas. Tais organizações de acordo com Serva (1993,) não se observa o caráter orgânico que determina a natureza das organizações burocráticas ao conferi-las um sentido integrativo e sistêmico, sendo a autonomia um dos seus fatores marcantes. O autor ainda complementa ao caracterizar o surgimento das organizações substantivas,

“Organizações substantivas parecem brotar pela força espontânea de milhares de indivíduos, espalhados por todo o mundo, que têm-se reunido em torno de ideais e princípios determinantes de ações conjuntas as quais, por sua vez, acabam configurando práticas sócioorganizacionais relativamente descompromissadas com o estatuto essencialmente sistêmico da sociedade burocratizada”. (SERVA, 1993, p.37)

A intensidade das relações interpessoais é bastante elevada, conjugada com os princípios da aceitação de conflitos e da disposição permanente de negociação revela o extenso uso da comunicação verbal, da palavra, da discussão, prevalecendo os contatos face a face. Tal configuração cria condições para a expressão de sentimentos no cotidiano. Assim, a complexidade das relações, caracterizada principalmente pelas relações informais entre os atores, as diferenças entre os atores sociais, entre outros aspectos.

Ainda se acordo com Serva (1993), nesse tipo de organização o trabalho é visto como atividade prazerosa, na qual o processo se sua realização se sobreponha às próprias finalidades, observando um alto grau de solidariedade e afetividade entre os membros, bem como a existência de uma participação efetiva de cada um na vida da organização, logo, aspectos como os sentimentos, valores, sentidos dos atores sociais se mostram fatores chaves quanto a sua importância. Diante dessas particularidades, a abordagem etnográfica mostra-se promissora

para o aprofundamento da análise dos aspectos mencionados. Buscando não ser repetitivo quanto a descrição dos artigos analisados, far-se-á uma descrição ampla, bem como se destacará umas particularidades que por ventura são interessantes de serem destacadas.

Assim, de maneira geral os artigos que buscaram estudar as demais organizações, que não as empresas, possuíam como objetivo principal ou norteador o entendimento das relações entre os atores sociais pertencentes as organizações, buscou compreender as particularidades, sentidos dos fenômenos ocorridos, como por exemplo, o estudo que buscou entender o papel produtivo das mulheres em um assentamento no interior do Paraná, ou o exemplo da Orla Marítima de João Pessoa, no qual buscou-se investigar fenômenos sociais cotidianos pertencentes a este espaço a partir dos usos atribuídos pelos moradores da cidade. Outro estudo que pode-se destacar é o artigo que buscou realizar uma discussão das relações entre as práticas organizacionais e memórias na prática do bordado na cidade de Goiás, Goiás.

No que tange a condução das pesquisas realizadas, dos 19 artigos, 14 deles dispuseram entre dois e seis meses de estudos nas organizações, os outros 5 artigos dispuseram entre seis meses e dois anos de estudo. Assim, como é possível perceber, os estudos etnográficos requerem tempo para compreender e possibilitar o pesquisador no contexto analisado, conquistar uma interação com os atores sócias que permita entender as relações e as complexidades dos fenômenos sociais. A interação e ida ao campo é indispensável, ou seja, não pode-se ser um etnógrafo de gabinete, expressão essa utilizados pelos antropólogos para caracterizar desqualificar os ditos etnógrafos que não experienciam o fato social.

Além disso, fica também evidente nos estudos algumas precauções na condução da pesquisa. A primeira delas é a preparação dos pesquisadores para ir a campo, e nesse sentido, Andion e Serva (2006) argumentam que uma das condições básicas para a condução da etnografia é uma sólida preparação teórica na área do conhecimento, todavia, a concepção do campo temático de estudo vai mais além.

Para complementar Barreira (1998) dispões sobre outros cuidados nessa fase de preparação do pesquisador ao salientar que um trabalho etnográfico não depende apenas da revisão da literatura e da fundamentação teórica, mas também da experiência e das trajetórias prévias do pesquisador no campo a ser estudado. Ao mesmo tempo o pesquisador deve-se “colocar entre parênteses” para deixar-se compreender os fatos sociais em si, logo, a temática pesquisada deve ser contextualizada a partir de elementos derivados da trajetória do pesquisador e também do cenário em que se inscreve o objeto de pesquisa.

Já quanto a realização do trabalho de campo, destaca-se a importância de uma postura de investigação aplicada, pela qual o pesquisador se propõe não somente a ver, mas olhar o

objeto e o contexto de pesquisa, o que significa captar o ponto de vista dos membros do grupo e, ao mesmo tempo, considerar as suas próprias implicações no processo de pesquisa. Nesse sentido Serva e Jaime Junior discorrem:

“O olhar permite ver em profundidade, que abre a percepção para a riqueza e importância dos detalhes, dos gestos, dos olhos de outrem (janela d’alma?), da presença dos signos, o olhar antropológico [...] aquele que, mais do que vê, percebe. Para além dos limites da visão, em direção às desconhecidas fronteiras da percepção, portanto extraídas das profundezas da sensibilidade humana, esse olhar foi, é e sempre será a maior habilidade do antropólogo [...] urge desenvolver tenazmente a sensibilidade e a argúcia do olhar, visando captar, em pleno jogo dos acontecimentos, aquilo que apesar de real não está evidente”. (1995, p.70-71).

Esse olhar inquisitivo permite o pesquisador se surpreender durante a pesquisa, o que requer também o estranhamento da postura etnográfica, bem como o trabalho de campo necessita de uma interiorização, por parte do investigador, das significações que os indivíduos atribuem aos comportamentos, e isso implica uma integração do observador no campo de observação (ANDION & SERVA, 2006). Nos estudos analisados, em suas descrições metodológicas, em sua maioria, fica evidente a preocupação dos autores em destacar uma postura atenta no campo de estudo, de buscar entender o fenômeno e seus atores, utilizando-se principalmente de observações e entrevistas, bem como de diários de campo, conversas, escutas como instrumentos de coletas de dados.

Um último momento na condução da pesquisa é a elaboração do texto, porém apesar da limitação dos espaços dos artigos, os estudos em sua totalidade buscaram trazer os resultados das investigações nas organizações estudadas, principalmente destacando as peculiaridades de fenômenos e dos atores estudados, bem como suas relações. Esse momento de elaboração do texto é considerado fundamental na pesquisa etnográfica, pois de acordo com Lapantine (1996, p.27) “se espera do etnógrafo não apenas o fato de ver e compreender o que vê, mas também de fazer ver”, pois é a partir do texto que o pesquisador pode transmitir aquilo que ele percebeu, e nesse momento, elaborar frequentemente ressignificações, novas construções conceituais e interpretações.

Por fim, dois estudos analisados trataram de ensaios teóricos envolvendo as temáticas da etnografia e dos estudos organizacionais, logo descreve-se resumidamente acerca da posta conceitual de cada um deles. O primeiro deles tinha como objetivo apresentar a cartografia etnográfica como recurso metodológico para o desenvolvimento dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) nos Estudos Organizacionais. Os autores apresentaram três contribuições da cartografia etnográfica aos EBP, sendo estes: a compreensão da espacialidade da rede de práticas organizacionais como processo e não como estrutura; análise das relações entre espaços

organizacionais e o contexto urbano das cidades; e produção de diferentes mapeamentos da experiência organizacional.

O segundo artigo buscou propor possíveis contribuições do método etnográfico para a prática da pesquisa criticamente reflexiva. A reflexividade pressupõe um processo no qual os sujeitos, muito além de observarem suas próprias práticas (reflexão), questionam seus modos de fazer. Mais do que a autocrítica dos sujeitos que a praticam, a reflexividade também representa uma maneira de captar as formas como os indivíduos percebem o mundo que os cerca e o contexto no qual encontram-se imerso, imbricados (ANTONACOPOULOU, 2010); ao lançarmos mão da reflexividade questionamos até mesmo nossos propósitos e nossas práticas enquanto pesquisadores (CUNLIFFE, 2003).

Assim, por meio dos diálogos reflexivos, cada um de nós, pesquisadores ou não, é considerado autor prático e questionador crítico das nossas experiências sociais. Isso significa afirmar que quaisquer participantes de um diálogo reflexivo interagem de maneira simétrica, de tal forma que não existe um indivíduo com total controle sobre o aprendizado (CUNLIFFE, 2002). Diante disso, os autores acreditam que a pesquisa criticamente reflexiva encontra na etnografia um possível caminho para ser posta em prática; uma vez que o olhar etnográfico contribui com o pensamento criticamente reflexivo por representar um posicionamento diante do mundo que reconhece a existência de múltiplas e distintas realidades.

A análise dos 19 estudos permitiu além de evidenciar casos particulares da utilização da abordagem etnográfica nos estudos organizacionais, possibilitou também resgatar aspectos teóricos da relação entre as duas temáticas, e poder discutir através de casos práticos as possibilidades dessa aproximação entre o campo da etnografia e dos estudos organizacionais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resumo, autores como Boumard (2003), Bourdieu (2001), Santos (2000), argumentam que para afirmar cientificidade no campo das ciências humanas, não é preciso negar ou ignorar as particularidades de cada ciência, mas sim o contrário, as ciências humanas podem achar nelas mesmas os recursos que, colocados em prática como dispositivos críticos, podem possibilitar a construção de novos lugares epistemológicos e metodológicos. Nesse sentido, a aproximação de metodologias nas ciências humanas se torna evidente, como o caso da antropologia e os estudos organizacionais, ao possibilitar a utilização da abordagem etnográfica como possibilidade metodológica ao campo dos estudos organizacionais.

Pautado nessa premissa este estudo teve como objetivo investigar se e como a etnografia está sendo utilizada nos trabalhos apresentados nas três edições do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBEO). O estudo contou com a análise de 19 artigos, sendo dois deles ensaios teóricos, no qual foi feita uma análise crítica e reflexiva dos trabalhos buscando identificar como a abordagem etnográfica está sendo utilizada como metodologia nos estudos práticos em organizações.

A análise dos artigos possibilitou compreender as diversas possibilidades que a abordagem etnográfica possui no campo dos estudos organizacionais, uma vez que a aplicação em diversos tipos de organizações foi evidenciada, destacando-se as organizações substantivas, ou organizações que não compreendem um estrutura formal e burocrática, como circos, assentamentos, organizações de artesãos, movimentos de resistência e até mesmo espaços públicos.

Outro aspecto que ficou evidente é o processo de condução da pesquisa etnográfica nos artigos analisados, destacando-se a preocupação com a preparação prévia do pesquisador, a interação com o campo e os atores sociais, a busca de um olhar inquisitivo, bem como a preocupação com a elaboração do texto final. Além disso, nos ensaios teóricos percebe-se também a possibilidades de interação entre a abordagem etnográfica e outras teorias subjacentes aos estudos organizacionais, como a teoria das redes e a pesquisa crítica e reflexiva.

Espera-se com este trabalho trazer a discussão da importância da abordagem etnográfica para os estudos organizacionais, diante das complexidades e diversidades de assuntos e objetos de estudos deste campo temático. Além disso, espera-se que a análise dos artigos possa trazer futuras discussões acerca das especificidades metodológicas quanto a aplicação da abordagem etnográfica nos estudos das organizações.

REFERÊNCIAS

ANDION, Carolina; SERVA, Maurício. A Etnografia e os Estudos Organizacionais. In: GODOI, Christiane K; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. da. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

ANTONACOPOULOU, E. Beyond co-production: practice-relevant scholarship as a foundation for delivering impact through powerful ideas. **Public Money & Management**, v.30, n. 4, p. 219-226, 2010.

ARDOINO, J. **Polysémie de l'implication**. Paris: Éditions88, 1983.

BARREIRA, I. **Chuvas de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

BISPO, Marcelo de Souza; SANTOS, Irley Suellen. A organização do cotidiano na orla de João Pessoa: um olhar etnometodológico da prática do voluntariado. *Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, n.2, DEZ- 2013.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para a investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 5, p. 684-704, set./out. 2012.

BOUMARD, P. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista>. Acesso em 7 de julho de 2016.

BOURDIEU, P. **Science de la Science et reflexivité**. Paris: Raisons d'Aguiar Éditions, 2001.

BUTTON, G. The ethnographic tradition and design. **Design studies**, 21(4): 319–332, 2000.

COULON, A. **Ethnmethodologie et education**. Institute National de Recherche Pédagogique. Sociologie de l'éducation. Paris: INRP/L'Harmattan, 1990.

GERGEN, M. M.; GERGEN, K. J. Qualitative inquiry: Tensions and transformations. In: DENZIN, N. K.; LINCON, Y. S. **Handbook of Qualitative research**. London: Sage Publications, 2000.

CUNLIFFE, A. L. Reflexive dialogical practice in management learning. **Management Learning**, v. 33, n. 1, p. 35-61, 2002.

_____. Reflexive Inquiry in Organizational Research: Questions and Possibilities. **Human Relations**, v. 56, n. 8, p. 983-1003, 2003.

CZARNIAWSKA, B. Organizing: how to study it and how to write about it. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, **Bingley**, v. 3, n. 1, p. 4-20, 2008.

GODOI, Christiane K; BANDEIRA-DE-MELO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. da. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: Paradigmas, Estratégias e Métodos**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GODOY, A. Pesquisa Qualitativa – tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.3, p.20-29, 1995.

HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as an interpretative science. In: H. TSOUKAS; C. KNUDSEN (Ed.). **The Oxford handbook of organization theory**. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 63-87.

JAIME JÚNIOR, P. Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. **Civitas**, v.3, n.2, 2003.

LAPLANTINE, F. **La description ethnographique**. Paris: Éditions Nathan, 1996.

LINSTEAD, Stephen. The Social Anthropology of Management. **British Journal of Management**, v. 8, 85-98, 1997.

PIAGET, J. (Org.). **Lógica e Conhecimento Científico**. Porto: Civilização, 1980.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Edusp, 2002.

SBEO, Sociedade Brasileira de Estudos Organizacionais. Eventos CBEO I – 2013; II – 2014; e III – 2015. Disponível em <<http://www.sbeo.org.br/sbeo/>>. Acessado em julho de 2016.

SERVA, Maurício. O Fenômeno das Organizações Substantivas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo: 33(2):36-43, 1993.

SERVA, Maurício; JAIME JÚNIOR, P. Observação participante e pesquisa e pesquisa em administração – Uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.1, p.64-79, 1995.

SOUZA SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1998.

TEDLOCK, B. Ethnography and Ethnography Representation. In: Denzin, N. K.; Lincoln, Y.

S. (eds.). **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 2ed. California: Sage Publications, p. 455-486, 2000.